



O Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa pronunciando a sua notável alocução, na Cova da Iria.

Ao lado do altar vê-se, sentado, o Senhor Cardeal Patriarca de Veneza

avencas vindos de além-mar. O carrilhão, com aparelhagem eléctrica agora instalada, acompanha sonora e harmónicamente os hinos que a «Schola» do Seminário Maior de Leiria dirige através das instalações sonoras. Os lenços acenam frenéticos como bando imenso de pombas adejando sobre a multidão em delírio. Hora patética esta, quando a Senhora, virada para a multidão, sobe a escadaria monumental, deixada livre a custo de esforços exaustivos dos Servitas-Direntes, coadjuvados por militares e escuteiros. Os próprios descrentes declaram-se subjulgados por visão de tamanha grandiosidade.

Solene Pontifical

Discurso do Eminentíssimo Celebrante Bêção Papal

O Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Veneza toma assento no sólio para imediatamente iniciar a celebração do Pontifical. Por presbítero assistente tem o Rev.^{mo} Dr. José Galamba de Oliveira, Cônego da Sé Catedral de Leiria, servindo de Diáconos o Reitor e Vice-Reitor do Seminário Maior da Diocese, respectivamente Mons. Dr. Marques dos Santos e Cônego Dr. Lopes Perdigo.

Ao Evangelho S. E. o Cardeal Celebrante lê um notável discurso, comentando os acontecimentos sobrenaturais de que a Fátima foi teatro e os Pastorinhos Videntes fiéis transmissores. E nesse longo trabalho de erudição, que enaltece o mistério da Fátima, há afirmações que traduzem admiravelmente o milagre peregrino que a Mãe de Deus realiza neste lugar: «...A Cova da Iria é uma fonte inextinguível de graças e de prodígios que jorram em torrentes sobre Portugal e daí se expandem sobre a Igreja Universal e sobre todo o mundo».

Do Vaticano chegara entretanto um telegrama em que o Santo Padre conferia ao Cardeal Patriarca de Veneza a faculdade de dar a Bêção Papal com indulgência plenária aos peregrinos reunidos na Fátima. Após a homilia, a multidão recebeu este favor pontifício. Imediatamente foi apresentado a S. E. o Cardeal Patriarca de Veneza um cálix em que o ouro em filigrana bordara finíssimos rendilhados sobre um fundo maciço, ornando as armas do Eminentíssimo Purpurado, nos esmaltes da heráldica, e o medalhão onde se gravara a homenagem do Santuário da Fátima ao Patriarca de Veneza a quem homenageava com aquela oferta de ourivesaria tipicamente nossa.

A elevação a guarda de honra, constituída por soldados de Artilharia 4, apresentou armas, ouvindo-se ternos de clairs da guarnição militar de Leiria.

Após o Pontifical, o conhecido pregador de Notre-Dame, Padre Riquet, de Paris, dirigiu umas palavras à multidão que

traduziram a ânsia de paz que agita o mundo e o desejo latente, garantido na Mensagem da Fátima, de ver convertida a Rússia para tranquilidade das Nações.

Momento Histórico:

Portugal vassalo perpétuo de Maria!

Sua Eminência o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa, chegou no momento preciso em que se ia renovar a consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria, feita pelo venerando Episcopado Português há 25 anos. A mesma voz que no recuado ano de 1931 lera a fórmula dessa solene consagração, ia fazer-se ouvir para a sua renovação. Sua Eminência, num improviso brilhantíssimo, recorda a primeira consagração que os Pastores reunidos na Fátima fizeram, entregando a Maria os rebanhos que Deus lhes confiara. Foi a primeira vez que Portugal inteiro se reuniu solene e oficialmente neste Santuário. Nestes 25 anos Nossa Senhora velou milagrosamente pela Nação portuguesa, afirmou Sua Eminência, comovido, abonando factos. E o Senhor Cardeal Patriarca disse que, sem querer diminuir o valor dos homens providencialmente colocados no Poder, era tempo de afirmar publicamente que Portugal ficou incólume num mundo em chamas porque a Mãe de Deus o guardou solitamente.

A Jacintinha, no seu leito de morte, recebera a revelação dos castigos e calamidades que viriam sobre Portugal e o mundo, se não se reparasse a Justiça Divina irritada pelos pecados dos homens.

Seis meses antes de rebentar a 2.^a grande guerra mundial, a Lúcia escreveu ao Senhor Bispo de Leiria, dizendo que a guerra predita por Nossa Senhora estava iminente, e a divina Justiça ia lavar as Nações no próprio sangue. Sofreriam mais os povos rebeldes aos preceitos da Igreja. A Espanha já fôra castigada. Porém, graças à consagração feita em 1931 pelo Episcopado, Portugal ficaria ileso, porque Nossa Senhora o protegeria. Sua Eminência apelou ainda com veemência para cada um dos portugueses, perguntando a todos, os que o escutavam ali e aos que permaneciam longe e o ouviam através da rádio em longínquos pontos do universo, como tinham atendido a Mensagem da Fátima, como viviam a Fé, a Esperança, a Caridade. E a todos pediu uma homenagem para a SS.^{ma} Virgem: — «Não haja um único lar português onde se não reze diariamente o terço a Nossa Senhora».

Em seguida o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa leu, em seu nome e no de todo o venerando Episcopado Português, a fórmula da Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria, repetindo as súplicas e as promessas de há 25 anos.

NOTÍCIAS DO SANTUÁRIO

ABRIL

Peregrinação da Acção Católica do Patriarcado de Lisboa

Os dias 28 e 29 de Abril foram de festa para a Acção Católica do Patriarcado de Lisboa. Nestes dois dias estiveram no Santuário mais de 10.000 filiados dos diversos Organismos da A. C. do Patriarcado em comemoração de vinte anos de actividade, e a fim de agradecer a Nossa Senhora todas as graças concedidas ao Patriarcado através do movimento da A. C. P.; implorar a protecção da Santíssima Virgem para o apostolado da Acção Católica na Diocese e rogar ao Senhor, por Intermédio de Nossa Senhora da Fátima, padroeira da A. C., que suscite muitas e autênticas vocações apostólicas entre o laicado católico.

Presidiu a esta peregrinação de penitência e oração Sua Em.^a o Senhor Cardeal Patriarca e nela tomaram parte os dois Prelados auxiliares, D. António de Campos e D. Manuel dos Santos Rocha, além de muitos assistentes diocesanos e paroquiais dos diversos Organismos da Acção Católica, dirigentes, etc.

Bispo de Clifton (Inglaterra)

Visitou o Santuário Mons. Joseph Rudderham Bispo de Clifton, Inglaterra, acompanhado do Cônego Long e Mons. Foorway, da mesma diocese. O Prelado celebrou missa na Capela das Aparições.

Bênção dos doentes

O número de enfermos inscritos para a Bêção individual aproximava-se de 800, segundo os registos do Posto onde, sob a direcção do Sr. Dr. Pereira Gens, trabalharam 23 médicos e cerca de uma centena de Servitas-enfermeiras e elevado número de Servitas-dirigentes, maqueiros e auxiliares.

Sob a columnata, à direita e à esquerda, os centenares de doentes tinham seu lugar reservado. Num pequeno quadrante, à frente, juntaram-se 19 casos graves infantis, com idade inferior a 10 anos, alguns de meses apenas, vindos isoladamente de diversas localidades, trazidos por mães jovens de faces cavadas pela dor. Dessas 19 crianças, apenas 7 eram normais. Aqui se revela um sinal dos tempos. E aqueles que sabem entender a linguagem forte das punições divinas, levantem as mãos a Deus pedindo perdão para as chagas que punem os mais abomináveis crimes da presente hora. Por eles Deus punirá o mundo com castigos mais atrozes e fulminantes que os que a História até hoje regista.

Nosso Senhor Sacramento foi conduzido, na Bêção individual aos enfermos, pelos Eminentíssimos Cardeais Patriarcas de Veneza e Lisboa, pelo Senhor Nuncio Apostólico e pelo Senhor Bispo de Nocera Umbra.

Uma doente atacada de paralisia infantil desde os dois anos e meio, movendo-se a custo com muletas e contando 29 anos, depois de ter sofrido, no decurso destes longos anos de sofrimento, diversas intervenções cirúrgicas, sente-se com uma saúde que sempre desconhecera. Receia declarar-se curada. Mas perante os médicos que a observam atentamente no Posto, anda sem dificuldade, dispensando as até ali inseparáveis muletas, sobe escadas, ajoelha, e o seu estado actual é o assombro de quantos a conheceram anteriormente. O seu caso vai ser clinicamente estudado. Chama-se Maria Zulmira de Jesus Brito e é natural de Carrazede (Tomar).

O Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Veneza deu, no final, a Bêção à multidão.

S. Ex.^a Rev.^{ms} o Senhor Bispo de Leiria abeira-se do microfone e agradece mais uma vez a S. E. o Cardeal Roncalli ter-se dignado vir presidir a esta peregrinação.

A procissão derradeira desfila entre um acenar comovido de lenços brancos. Lá em baixo, frente à Capelinha onde a multidão se comprime, duas labaredas sobem para o céu. São chamas onde ardem velas de mil votos que o mundo agradecido e suplicante acendera à Rainha da Paz.

VISCONDE DO MONTELO

Bispo Auxiliar de Nova Iorque

De viagem para Roma, esteve no Santuário onde rezou missa, no dia 26 de Abril, Mons. Fulton Sheen, Bispo auxiliar de Nova Iorque. O ilustre Prelado chegou no dia 25 e era acompanhado do Rev. John Finnegan, da igreja de Saint Patrick, de Detroit. Hospedou-se na Casa dos Retiros.

A pedido da rede radiofónica «Voz de Fátima», o conhecido Prelado proferiu na Capela das Aparições uma saudação aos seus compatriotas, recordando-lhes a Mensagem de Nossa Senhora ao Mundo.

Mons. Fulton Sheen celebrou missa na Basílica e orou junto do túmulo dos videntes Jacinta e Francisco Marto.

Peregrinação da Liga Independente Católica

Nos dias 21 e 22 efectuou-se no Santuário a VII Concentração das Famílias da Liga Independente Católica Feminina, em número de cerca de 500 peregrinos. Presidiu à concentração o Rev. Assistente Cônego Infante, e realizaram-se as cerimónias habituais: procissão de velas, hora santa, procissão com a Imagem de Nossa Senhora e bêção aos doentes.

No mesmo dia realizou-se a peregrinação da J.E.C.F. de Coimbra na qual tomaram parte cerca de 300 raparigas.

Arcebispo de Luanda

No dia 26 rezou missa na Capela das Aparições o Senhor Dom Moisés Alves de Pinho, Arcebispo de Luanda, o qual era acompanhado do seu secretário, P.^o Alves Pereira, administrador do jornal «O Apostolado», de Luanda.

Diversas peregrinações e retiros

No dia 23 visitaram o Santuário o Dr. Jacob Schilling, superior da Província Salesiana da Alemanha, acompanhado de seu irmão Paul Shilling, que veio a Portugal convidar o Senhor Bispo de Beja a assistir à inauguração da catedral de Colónia e à reunião de católicos alemães, de 28 de Agosto a 9 de Setembro, na mesma cidade.

No dia 20 veio à Fátima um grupo de 30 raparigas e rapazes da Juventude Católica da cidade de Friburgo, na Alemanha, o qual era acompanhada de dois assistentes eclesásticos daquele organismo da Acção Católica.

Um religioso, da Congregação Marista, de Tuy, veio à Fátima pedir a Nossa Senhora a cura de uma grave enfermidade. Acompanhou-o sua família de Bremen (Alemanha).

De 15 a 22 efectuou-se um retiro espiritual para meninas que cursam a Escola Normal Social de Coimbra, sendo pregador o Rev. P.^o Mário Branco, O. F. M..

Um grupo de senhoras do Instituto Teresiano, de Valhadolid, Espanha, visitou o Santuário, onde assistiu a diversas cerimónias.

Também esteve no local das aparições o Grupo Coral Polifónico de Pontevedra, composto por mais de 55 elementos, dirigidos pelo Sr. Antonio Iglésias Vilarello.

Para 1958 — projecta-se uma «Estrada Mariana» entre Roma-Lourdes e Fátima

O Sindicato de Inicativas, de Carcassona (França), projectou uma estrada internacional a que chamou ESTRADA MARIANA, ligando Roma-Lourdes-Fátima, com passagem por Santiago de Compostela. Esta estrada é de especial interesse para os quatro países latinos por ela atravessados: Itália, França, Espanha e Portugal.

Ao chamar-se-lhe ESTRADA MARIANA, não se pretende fazer qualquer publicidade comercial. O que acima de tudo se procura é organizar um itinerário considerado magnífico pela sua história, pelas suas tradições, monumentos religiosos e belezas paisagísticas. A ideia obteve já o apoio incondicional de numerosas entidades francesas ligadas aos problemas do turismo, assim como a aprovação de Mons. Theas, Bispo de Lourdes, e de Mons. Puech, Bispo de Carcassona.

Rússia, Terra Mariana

Pelo P.^a Luís Gusmão, S. V. D.

«O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá...»

Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria, em 13 de Julho de 1917.

A muitos surpreende a singular predileção da Santíssima Virgem para com o povo russo. A mim, porém, mais me surpreendeu Berdiayev, afirmando que «a religião do povo russo, é mais uma religião de Maria que de Cristo».

Por incrível que pareça, a história do povo russo, é uma história apaixonadamente mariana. O insuspeito filósofo que assim interpretou a religião do seu povo (embora com fundamentos erroneamente naturalistas), encontrou confirmação em palavras do Santo Padre Pio XII, por ocasião da Consagração do Mundo, e de modo especial, da Rússia, ao Coração Imaculado de Maria: «Aos povos (russos) que vos professam singular devoção, onde não havia casa que não ostentasse a Vossa veneranda ícone — hoje talvez escondida e reservada para melhores dias — dai-lhes (Senhora) a paz e reconduzi-os ao único redil de Cristo, sob o único e verdadeiro Pastor...» (Pio XII; Out de 1942).

Chamo a atenção para o verbo *professar* no «presente», como a confirmação terminante de que o amor mariano ultrapassa os mais acirrados sentimentos de ódios inspiradores de revoluções.

Se hoje os sentimentos religiosos da gente russa se acham «standardizados» pelas engrenagens do Estado, eu estou certo, e o Santo Padre, falando no «presente», também está, de que aquela profunda devoção mariana do povo russo ainda existe nos corações da jovem geração soviética.

Origem da devoção

A devoção a Nossa Senhora foi introduzida na Rússia, no século X, por ocasião do baptismo de S. Vladimiro. Foi, com efeito, pelos fins desse século (988) que, a convite do Grande Príncipe Vladimiro, os padres gregos foram exercer apostolado na Rus-Kiev.

Os primeiros missionários gregos trouxeram imagens-ícones de Nossa Senhora, e introduziram na Rússia a arte da sua pintura. Ícones são pinturas da Santíssima Virgem, feitas em madeira, ainda hoje tanto ao gosto dos gregos. Os pintores russos atingiram em breve perfeições inesperadas na arte de pintar ícones.

A arte e a devoção andaram de mãos dadas na Rússia: e dentro de pouco «não havia casa que não ostentasse a... veneranda ícone...» (Pio XII). Mais tarde o Cisma destruiu a unidade das Igrejas, mas deixou intacta a ícone mariana. As múltiplas vicissitudes por que passou e tem passado a fé cristã nos territórios russos, nunca afectaram a profunda devoção mariana do povo «cuja religião é mais de Maria que de Cristo».

Maria na Liturgia

A Liturgia do Rito Bizantino teve um papel de suma importância na propagação da devoção a Maria entre os povos russos. A Liturgia de São João Crisóstomo contém numerosas invocações à Mãe de Deus: — No rito da preparação do Pão e do Vinho para o Sacrifício Eucarístico, o sacerdote, depois de ter cortado do Pão Eucarístico uma grande hóstia quadrada, o Agnetz ou Cordeiro, corta também um pequeno triângulo em comemoração de Nossa Senhora, dizendo: «Em honra e memória da altíssima e gloriosíssima Senhora, a Theotokos e Sempre Virgem Maria, por cujas preces, receba o Senhor esta oferenda, no Celestial Altar...» O sacerdote então põe essa pequena partícula no Diskos, patena, à direita da Hóstia (Agnetz), dizendo: «A Rainha esteja à Sua mão direita, vestida de glória e cercada de variedade». Esta cerimónia significa a íntima união entre Cristo e Sua Mãe.

Depois da Anamnese (unde et memores), o sacerdote incensa as sagradas espécies

Mensagem de Amor

6. VISÃO DO OUTRO MUNDO

Maria mostrou o inferno a três criancinhas.

Mostrou-lho, para que elas dissessem aos homens o que viram.

Sabemos que uma certa «mentalidade» moderna de boamente deixaria ficar na sombra este aspecto da Mensagem de Nossa Senhora, do qual vamos tratar em capítulo à parte.

Pois se até já temos encontrado católicos que se dizem praticantes e que sorriem desdenhosos com ar de entendidos, ao ouvirem falar nos castigos eternos!

Notemos, antes de mais nada, que a existência do inferno e a eternidade das suas penas são verdades reveladas por Deus e propostas à nossa Fé pela Santa Igreja; de maneira que negá-las ou pô-las em dúvida, seria fazer naufrágio na Fé (1).

Há inferno e as suas penas são eternas.

Muitas vezes nos adverte disso o Espírito Santo na Sagrada Escritura: já nos livros do Antigo Testamento, e especialmente nos Evangelhos e nos escritos dos Apóstolos.

Jesus fala nele de modo explícito nada menos de 14 vezes. É o *lago de fogo, de enxofre, é o fogo que não se extingue, o verme que não morre; é, sobretudo, a sentença da eterna reprobção, no último dia: Discedite a me, maledicti in ignem aeternum.* «Afastai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno» (S. Mat., 25, 41).

Discedite a me, maledicti. «Afastai-vos de Mim, malditos»: a separação de Deus, a pena do dano, «mil vezes mais dolorosa que a actividade do fogo devorador», segundo a expressão de S. João Crisóstomo, e cuja acuidade a fascinação das coisas temporais e a aparência dos bens materiais agora nos impedem de ver e compreender.

In ignem: «para o fogo». Não fogo metafórico, mas real e, portanto, material; de natureza desconhecida, e cuja acção se faz sentir não só sobre os corpos, mas também sobre os espíritos.

Aeternum: «eterno». O «sempre» da eternidade infeliz, qualquer coisa que não acaba nunca, nunca!

Perspectivas pouco tranquilizadoras para quem vive obstinadamente no pecado! E o gesto instintivo daqueles que procuram esquecer ou «não ligar», dizendo que é uma fábula, tem explicação demasiado evidente. A realidade, contudo, permanece firme e inexorável. Que encontrarão amanhã, no limiar da eternidade, os infelizes que se obstinam em fechar os olhos à evidência?

Cheia de compaixão e de tristeza, Nossa Senhora veio dizê-lo, mostrá-lo, avisar-nos a todos!

Foi na terceira Aparição, a 13 de Julho de 1917...

FR. Estanislau, O. F. M. CAP.

(1) Além disso, o cristão que soubesse perfeitamente que essas verdades nos são propostas pela Igreja como doutrina revelada e verdades em que devemos crer, e manifestasse exteriormente que as nega ou as põe em dúvida, e isso quer na presença de outras pessoas quer só, por palavras ou acções, seria atingido de excomunhão especialmente reservada ao Soberano Pontífice (can. 2314).

PALAVRAS DUM MÉDICO

Primeiro vez: A última oferta do P.^e Gnocchi

I — A razão da oferta

Pelos jornais e pela palavra falada, tem-se divulgado entre nós, nos últimos anos e especialmente nos últimos meses, o conhecimento do emprego pelos médicos de órgãos ou parte de órgãos de cadáver no tratamento de doenças e deformidades humanas. Efectivamente, os cirurgiões têm colhido em cadáveres humanos, poucas horas depois da morte, pele, ossos, artérias e olhos, que, logo a seguir ou dias mais tarde, depois de devidamente tratados, na totalidade ou em parte, aplicam nos seus doentes.

ao mesmo tempo que canta: «Especialmente para a nossa toda Santa, Imaculada, Bendita e Gloriosa Senhora, a Mãe de Deus e sempre Virgem Maria».

O coro responde: «É justo glorificar-Vos, ó Mãe de Deus, sempre Bem-aventurada e Imaculada Mãe de Deus. A Vós, que sois mais louvável que os Querubins e sem comparação mais gloriosa que os Serafins; a Vós que, toda pura, destes ao mundo o Verbo de Deus, a Vós que sois verdadeiramente Mãe de Deus, nós Vos exaltamos».

São mais de dez as alusões feitas à Santíssima Virgem, no cerimonial da Santa Missa pelo Rito Russo-Bizantino.

(CONTINUA)

Graças dos Servos de Deus

FRANCISCO

Silvério Marques de Oliveira, Gondomar, escreve: «Meu filho Serafim Olindo, de seis anos de idade, havia quatro anos que sofria muito de um mal, renitente a todos os tratamentos. Não tinha sossego algum, ficando por vezes com o corpo em chaga viva, a escorrer sangue. Vendendo-o assim tão aflito e não sabendo o que lhe havia de fazer, lembrei-me de recorrer ao pastorinho Francisco Marto, pedindo-lhe a cura dentro dum mês. Efectivamente assim sucedeu, tendo decorrido já um ano sem que o pequeno tornasse a ter aquele terrível mal. Como reconhecimento, mando 10\$00 para a beatificação do Servo de Deus».

D. Maria Alice Marques Coutinho Nunes de Sá, Vila Nova de Famalicão, havia já bastantes dias que se encontrava doente, quando o seu marido recorreu ao Servo de Deus Francisco Marto, com a promessa de publicar a graça. Sucedeu que, no dia seguinte, com grande surpresa, a enferma encontrava-se completamente curada. Ofereceu 20\$00 para a beatificação do Servo de Deus.

D. Antonia Ripall Escandell, Baleares, Espanha, encontrava-se com uma doença pulmonar. Recorreu ao Servo de Deus Francisco Marto; depois de lhe fazer várias novenas, o médico deu-a por completamente curada.

D. Maria de Lurdes C. da Silva, Santa Catarina de Fonte do Bispo, Algarve, tendo-lhe adoecido a mãe gravemente, pediu, com muita fé, as suas melhoras por intercessão do Servo de Deus Francisco Marto. Como foi atendida, envia 20\$00 para a causa do mesmo Servo de Deus.

JACINTA

Manuel H. Costa, Porto, sofria das pernas havia bastantes anos e, não tendo melhorado com os medicamentos, recorreu à Serva de Deus Jacinta Marto e não tardou em sentir a sua protecção, pelo que oferece 100\$00 em acção de graças.

Davide de Oliveira, S. Vicente de Oleiros, Guimarães, tendo a sua mãe gravemente enferma, recorreu à Serva de Deus Jacinta Marto e sua mãe melhorou. Envia 50\$00 para a beatificação da Serva de Deus.

D. Maria José Martos, Covilhã, desmanchou um pé que foi devidamente tratado, sendo porém muitas as dores que teve durante 6 semanas, sem poder andar. Recorreu, então à Serva de Deus Jacinta, a quem pediu a sua cura, no que foi atendida. Vem dar publicidade a esta graça, como prometera.

D. Maria Eugénia Pereira dos Santos, Cova da Iria, escreve: «O meu filho encontrava-se doente, com garrotilho. Cheguei a ouvir dizer que ele não melhoraria, sem contudo desanimar. Lembrei-me da Serva de Deus Jacinta Marto, a quem pedi me alcançasse a cura do meu filho, prometendo 20\$00 para o processo de beatificação e que publicaria a graça. A minha prece foi ouvida e por isso venho cumprir a promessa».

D. Maria Aurora de Carvalho, Vila Nova, tendo-lhe aparecido na cabeça um quisto que ia crescendo assustadoramente, não quis sujeitar-se à extracção do mesmo, apesar do médico lhe afirmar que se tratava duma operação muito simples. O mal adiantava-se já tanto, que principiava a sentir uma forte dor na cabeça. Lembrou-se então de recorrer à Serva de Deus Jacinta Marto, fazendo a promessa de tornar pública essa graça. Sucedeu que certo dia, ao acordar pela manhã, o quisto tinha desaparecido.

Os oftalmologistas, como se disse, colhem os olhos inteiros nos cadáveres, embora deles só aproveitem parte das córneas. Por isso, se fazem ofertas de olhos, apesar de só se utilizarem deles as córneas; daí a razão da última oferta do bondoso P.^e Gnocchi, para que a dois dos seus jovens protegidos fossem os seus olhos mortos dar luz, alegria e um pouco de felicidade.

SILVA PINTO

Coração da nossa Mãe LÚCIA E RÚSSIA

pelo Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Évora

DE há muitos anos a esta parte, a Cova da Iria nos dias 12-13 de Maio é uma explosão de fé, traduzida em amor a Nossa Senhora. Mas há as datas maiores, em que a multidão cresce como oceano imenso, que mal cabe na vastidão do recinto sagrado. Foi assim na última Peregrinação, presidida por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Veneza, durante a qual, pela voz de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, os Pontífices de Portugal renovaram a Nossa Senhora a Consagração, feita há 25 anos, de suas Dioceses.

Quantos os Peregrinos que compareceram à impressionante concentração marial? O que se sabe é que, naquela data e nos dias que imediatamente a precederam, todos os caminhos de Portugal e muitos do estrangeiro, foram dar à Fátima, percorridos por intermináveis procissões deromeiros do amor. Muitos outros desejariam percorrê-los, e só não o fizeram por que circunstâncias irremovíveis os retiveram em suas terras. Mas também esses foram peregrinos do espírito, intimamente unidos àqueles que na Terra Santa aclamaram Nossa Senhora com suas preces, seus cânticos e suas penitências, — tudo orações, afinal.

Este ano, porém, às grandes horas de alma, do costume, juntou-se a referida hora da Comemoração do 25.º aniversário da Consagração de Portugal ao Coração Imaculado de Maria.

Falar desse Coração Imaculado é sempre falar do amor maternal da Senhora. Porque, toda a devoção de Fátima é o amor dos filhos provocado pelo amor da Mãe. Primeiro, este amor, que levou a Virgem Santíssima a aparecer aos três Pastorinhos, e a leva ininterruptamente a derramar nas almas as chuvas de graças, alcançadas pelo fogo desse amor. Depois, o amor dos homens, que sente o poder e a misericórdia da Santíssima Virgem. Na verdade, pode tudo a Senhora junto do Coração de seu divino Filho. A essa certeza associa-se a certeza de que Ela é nossa Mãe, de que não tem limites a pro-

fundidade do seu Coração maternal. Nessa augusta maternidade se encontra o fundamento da nossa confiança.

É sinistra a feira dos que sofrem males físicos. Mais sinistra ainda a feira dos que peregrinam dolorosamente, arrastando o peso dos seus males morais — amarguras, desilusões, vazios de alma, solidão, tentações, dúvidas, quedas, remorsos.

Mas a Senhora tem remédio para todas as penas, e nunca o seu amor se cansa nem se esgota. E isto, precisamente, porque é Mãe, vendo em cada homem um irmão de Jesus, contemplando cada qual como se fora o Evangelista S. João, no momento trágico e redentor em que lhe foi dada por Mãe

Nem todos os peregrinos pensarão na sublimidade deste mistério insondável da maternidade universal de Maria; mas todos, por instinto sobrenatural, recorrem à Senhora, animados por esta certeza que subsiste na alma e sempre ilumina, alenta e conforta.

Devotamente se reza a oração de S. Bernardo, na certeza de que nunca foi abandonado pela Senhora a quem se recorre à sua protecção, implora a sua assistência, e reclama o seu socorro.

A linda oração é vivida de maneira operante pelas multidões que sem temor de sacrifícios, muitas vezes heróicos, acorrem à Cova da Iria. Fenómeno luminoso, clamor de infinito este, de legiões de almas que, no meio da aridez pagã e materialista do século, ansiosamente buscam a Senhora, com penitências, sempre sangue do espírito.

Só com estar presentes na Cova da Iria, proclamam a solicitude sem limites do Coração Imaculado de Maria, a misteriosa sublimidade da sua maternidade divina.

Ruge à nossa volta e talvez dentro de nós o vendaval ciclónico de crises dolorosas. Erguendo os olhos para a Senhora e contemplando o seu Coração Imaculado, Coração de Mãe que tudo pode, tranquilamente repousamos no seu amor.

O Senhor Bispo Auxiliar de Veneza, Mons. Gianfranceschi, disse que Nossa Senhora da Fátima se poderia chamar também Nossa Senhora dos Pobres, tal o número de gente humilde, pobremente vestida, que acorre à Cova da Iria em dias de peregrinação, principalmente na do dia 13 de Maio.

Realmente, apesar dos milhares de veículos motorizados que se juntaram na Fátima, na última peregrinação, como em todas, a esmagadora maioria dos peregrinos foi a pé e era gente pobre, como pobre é a gente dos nossos campos. Pobre, mas honrada; simples, mas cheia de dignidade; humilde, mas generosa e tão repassada de virtudes cristãs, que foi a três dos seus filhos mais pequeninos que Nossa Senhora apareceu. Nossa Senhora da Fátima, Nossa Senhora dos Pobres! disse muito bem o Senhor Bispo Auxiliar de Veneza.

E foi a Nossa Senhora dos Pobres que salvou Portugal da guerra. Sempre assim o julgámos e aqui o escrevemos mais de

Crónica Financeira

uma vez, porque só por milagre este país podia ter escapado a tão grande perigo. Mas agora o caso foi tornado público pelo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa que disse, em comovida alocução, proferida na Cova da Iria, no dia 13 último, que seis meses antes da data de 1 de Setembro de 1939 — em que começou a conflagração — o Senhor Bispo de Leiria lhe enviou uma carta da vidente ainda viva — a Irmã Lúcia — na qual lhe dizia: que a guerra prevista por Nossa Senhora ia estalar, indo Deus «lavar as Nações no próprio sangue»; que sofreriam mais os povos que tinham desobedecido aos preceitos cristãos; e que a Espanha já tinha passado por esse transe; mas que Portugal ficaria salvo das consequências da guerra, porque Nossa Senhora o protegeria.

Mais de uma vez temos recebido dos lábios e da pena de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa a afirmação de que é Deus quem dirige o xadrez da história, em que os homens não passam de figuras que na mão d'Ele se movem. Nenhum cristão pode duvidar disso, como também ensina Sua Eminência. Uma rápida vista de olhos ao que têm sido as glórias e tragédias dos povos, através das idades, forçosamente terá de nos convencer. Quantas vezes o mais inesperado, pequenino e despercebido acontecimento, com que os homens nem sonhavam ou em que não repararam, mas que Deus quis e previu, foi o bastante para desfazer e fazer impérios e para dar uma reviravolta completa no decurso da história!

E o que se passa em ponto grande na história dos povos e das instituições, passa-se em ponto pequeno na vida de cada um de nós. Não é verdade que todos nos lembramos de tal ou tal acto imprevisível, de tal ou tal circunstância ocasional, que talvez até tenha passado sem darmos por ela, mas que depois, ponderado bem o rumo da nossa vida um dia mais tarde, vimos a verificar que teve uma acção decisiva na nossa existência material, na escolha da vocação ou da profissão, até na vida afectiva ou na vida de piedade, numa palavra, em todo o nosso destino terreno e eterno. E temos prazer em recordar e dizer que foi Nosso Senhor, que foi Nossa Senhora quem tal permitiu, para... muitas vezes só no outro mundo chegaremos a saber bem para quê, tão imperceptíveis e subtis são os desígnios de Deus. O que nos compete a nós é aceitá-los submissamente, respeitá-los filialmente e adorá-los piedosamente. Tudo o que Deus faz por nós é por amor que o faz. Tudo o que Deus faz pequeno em nós, resulta n'Ele muitíssimo grande, pois em Deus tudo é infinito.

Também na história da Fátima há pequeninos factos e circunstâncias, aparentemente fortuitos, nos quais quereamos ver uma intervenção directa e inesperada de Alguém que tudo prevê. Vamos referir-nos a um pequeno pormenor e temos provas para confirmar a nossa maneira de ver.

Como já noutra ocasião fizemos notar, pode ser assunto de meditação para nós a relação que porventura exista entre estas duas palavras tão parecidas e tão frequentemente repetidas na história da Fátima — LÚCIA e RÚSSIA. É fora de dúvida que a pequenina e rude pastora, ao tempo das Aparições, nem sequer de outiva conhecia o vocábulo Rússia. Como lhe soaria e que significaria para ela a palavra, ao ouvi-la por três vezes dos lábios de Nossa Senhora, na aparição de 13 de Julho? Talvez apenas um nome muito parecido com o seu e que, por isso mesmo, dificilmente poderia esquecer.

Seja como for, Nossa Senhora terá querido que, sempre que por todo o mundo se falasse da Fátima e da principal vidente — Lúcia, os cristãos se lembrassem, por associação imediata e semelhança de

nomes, de orar pela conversão da Rússia, apressando assim a hora do triunfo do Coração Imaculado de Maria. Isto é uma simples hipótese, nem podia ser de outra maneira, mas que vamos confirmar, como atrás dissemos.

Sim, porque a Lúcia... não devia chamar-se Lúcia. Era Maria Rosa o nome que lhe estava destinado. Mas contemos as coisas como se passaram.

Uma bela noite de Março de 1907, após um dia de trabalho, o Sr. António dos Santos, ou António Abóbora, como era mais conhecido, apresentou-se em casa dum seu parente e amigo, paredes meias com a sua, e disse sem mais preâmbulos: — Amanhã, tem de ir daqui uma mulher a ser madrinha da minha menina.

Depois de ele ter saído, levantou-se disputa entre as duas filhas da casa, porque ambas queriam ir servir de madrinha. Deu pela disputa o pai, e logo atalhou, com um raciocínio muito certo:

— Quantos afilhados já tens? — Dois.

— E tu? — Nenhum!

— Pois quem vai ser madrinha é a Maria Rosa.

Ora esta Maria Rosa era a que não tinha ainda nenhum afilhado nem afilhada, e por sua vez, era afilhada de outra Maria Rosa, a mãe da menina. E a esta, à menina, por vontade unânime das mulheres das duas casas vizinhas, pôr-se-ia também o nome de Maria Rosa.

No dia seguinte, preparadas as coisas, seguiu o acompanhamento para a igreja paroquial da Fátima. Algumas dezenas de passos antes de entrar no templo, o pai da que ia ser madrinha chamou de lado a filha e perguntou-lhe:

— Que nome ides pôr à criança?

— Maria Rosa.

— Maria Rosa, não. Há-de ficar com o nome de Lúcia.

E assim foi. Quando o ministro do sacramento perguntou à madrinha qual o nome da neófito, ela respondeu muito a medo: Lúcia! de tal modo que o Sacerdote, admirado como todos os presentes, não compreendeu à primeira e teve de perguntar segunda vez.

Chegados a casa, de volta da igreja, a admiração foi maior e a consternação geral.

— Lúcia!... Até faz lembrar Lúcifer!

Mas porque não ficou Maria Rosa? É certo que, com o tempo, esta má impressão foi desaparecendo e acabaram por gostar do nome. A própria madrinha, felizmente ainda viva, há poucos dias nos confidenciava:

Eu também não gostei nada, mas hoje já gosto, e muito, pois ele é um nome tão «doce»!

Quisemos ainda saber qual o motivo por que o pai da Sr.^a Maria Rosa, precisamente alguns minutos antes da administração do sacramento e daquela maneira inesperada, escolheu e quase impôs um nome que foi surpresa para todos.

— Mas havia alguém com esse nome na família... ou nos conhecimentos?

— Não. Que eu saiba, não havia.

— E porque é que a Sr.^a Maria Rosa se conformou com a vontade de seu pai, dada à última hora, contra a vontade de todos e contra o que estava combinado?

— O pai mandou... e tinha de se fazer o que ele mandava.

Prouvera a Deus que ainda hoje os pais tivessem autoridade para mandar, e os filhos soubessem obedecer sem discutir, como naqueles tempos! Mas isso é assunto para outro capítulo...

O que é certo é que a menina devia chamar-se Maria Rosa, e por decisão inesperada e imposição quase abusiva de um homem que parece intrometido, ficou a chamar-se Lúcia. Não será permitido ver neste facto, pormenor talvez insignificante, uma indicação manifesta do «dedo de Deus», ou da «vontade da Senhora», a dar à sua pequenina e futura confidente uma semelhança de nomes que, em sua concisão, dissesse muito, e obrigasse forçosa e naturalmente a estabelecer os seguintes binómios, como nós fazemos hoje? Rússia — Lúcia

Guerra à Igreja — Fátima
Reino de Satã — Triunfo do Coração de Maria